ANO 10.º | Sexta-feira, 15 de Fevereiro de 1918 | Numero 511

O DEMOCRATA

SEMANARIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

DIRECTOR e EDITOR
Arnaldo Ribeiro

PROPRIEDADE da EMPREZA

Oficina de composição, R. Direita —Impressão na Tip. *Nacional*, R. de Arnelas—AVEIRO

Redacção e Administração, Rua Direita, n.º 54

Sem titulo

A atitude deste jornal, definida desde o seu primeiro numero sem tergiversações nem subtilêsas; a sua orientação, livre de peias e de disciplinares imposições partidarias, dá-nos direito não só a exaltar o que é bom e achamos digno de encomios, como a condenar o que é mau e se torna credor da nossa reprovação.

Dest'arte, rara seria, talvez, a semana em que o *Democrata* não tenha consignado atravez os seus dez anos de existencia, aberta, clara e lealmente a sua intransigencia com os mais nobres principios de justiça, de verdade e de altiva isenção.

Contudo o facciosismo duns e ainda, estreitamente ligada a este, a ignorancia de outros, tem feito com que á volta da nossa modestissima obra se bordem considerações e juizos tão falhos de bom senso e são critério, que certamente bastará deixa-los á insuspeita observância da maior parte para que duvidas não possam subsistir ácerca do honrado procedimento que temos mantido.

Não é, porém, para essa gente, que não nos incomoda, que traçamos estas linhas saídas ligeira e despreocupadamente do bico da penna. Dirigimo-nos, sim, aos que, acima de mesquinhas mizerias de regedoria partidaria, ponderam e colocam os sagrados interesses da Nação e a grandeza desta Patria, que logo vinculou, no inicio da sua existencia autonoma, o cometimento de actos, de façanhas e de heroicidades tão fenomenais que não poucas dezenas de seculos foram precisas para seu registo!

Façanhas que assombraram o mundo, epopeias que a historia de todos os povos encerra porque a todas elas disseram respeito.

Nesta conformidade, admiradores por amor e sentimentalidade, duma patria de tão grande historia, hoje enobrecida ainda pelo regimen que a representa, não poderiamos estar senão onde nos encontrâmos: ao lado e na brecha por tudo quanto represente sómente o seu engrandecimento, dignificação e gloria.

Não era, nem é, a paixão vil, a ambição condenavel nem muito menos as conveniencias partidarias de tantos, que nos levariam a modificar o traçado feito e estabelecido na nossa conduta aqui, nas colunas deste jornal ou onde quer que estejamos defendendo e mantendo os nossos propositos.

Aplaudimos, sem rebuço, todos os actos e medidas genuina e insofismavelmente republicanas da autoria do sr. dr. Afonso Costa; mas logo principiamos de protestar, de clamar, contra a desmedida e evidente imoralidade dos que o cercavam, envolvendo nas malhas de uma perigosa situação, esse estadista que assim se deixava arrastar para o abismo, dando-nos até a impressão de que lhe não desagradava o ambiente creado em volta da sua personalidade.

Do seu proprio partido surgiam protestos, ameaças, scisões; a imprensa sinceramente democratica bradava-lhe que abrisse os olhos; correligionarios insuspeitos, republicanos envelhecidos na propaganda e na luta, chamavam a sua atenção não só para as questões de moralidade, mas ainda para aquelas que se referiam ao respeito que, ao chefe dum partido, deviam merecer os principios constitucionaes.

Afonso Costa não atendia nem ouvia ninguem, parecendo até apostado em afrontar tudo e todos, mas principalmente os seus amigos e dedicados correligionarios de ontem.

Praticou e consentiu que se praticassem erros e abusos. E dessa série ininterrupta de actos condenáveis explodiu a revolução de dezembro seguida das funestas consequencias que se estão vendo e que por toda a parte alastram, pondo em cheque o prestigio dos elementos sãos do partido democratico.

Por nossa banda vimos realisadas as nossas profecias, se profecias se póde chamar ao que de ha muito estava no espirito de todos, excepção feita daqueles a quem o seu furor partidario e benefico não deixava enxergar coisa alguma.

Afonso Costa caíu vitima da sua propria obra e apezar de todo o seu valor, da grandeza inconfundivel da sua figura, dificil lhe será reconquistar o seu antigo predominio.

Condenamos, portanto, os seus erros porque defende-los seria irmanarmo-nos com eles. Mas não descemos nem a aplaudir violencias nem a reproduzir calunias, como as que lhe teem assacado os inimigos implacaveis de todos os tempos.

Isso não.

De resto, nada nos importa as facciosas apreciações dos que, numa inconsciencia de sectarios apaixonados, independente do que possa resultar do resurgimento de tão indigno, triste e imoral consulado, o pretendam fazer reviver só pelo gosto—mesquinho e pobre—de lá verem o sr. Afonso Costa com todos os seus amigos.

Nada nos importa, creiam, porque felizmente o nosso republicanismo não é nem nunca foi parasitario.

Voltando atraz?

Deu-nos a honra da transcrição do nosso editorial do dia 1, o presado confrade *Correio da Feira*, que, em local á parte, lhe faz a seguinte apreciação:

São duras verdades as palavras que encerra o artigo que em outro logar publicâmos subordinado á epigrafe acima, transcrito do nosso colega *Democrata*, de Aveiro.

Quem dirige hoje a politica nesta vasta circunscrição do Vouga é o sr. conde d'Agueda, o conhecido cacique da monarquia, que, desde a implantação do atual regimen, sempre tem estado em aberta oposição á Republica, manifestando-lhe todo o seu odio e má vontade, semanalmente, no seu jornal *Soberania do Povo*.

Não se compreende como se entrega ás mãos dos inimigos do regimen a sua direcção politica!

Esperará o governo, o sr. Sidonio Paes ou o sr. Machado Santos que o sr. conde d'Agueda, com os seus marechaes, dêem a sua adesão á Republica?

Se foi com esse intuito que esses republicanos lhe entregaram o bastão da politica distrital, deram mostras de crassa ignorancia e grande ingenuidade em assuntos politicos.

Colega: isto vai bem! E então saboreado de palanque? Nem se fala...

PARA LER E... SABOREAR...

Uma veridica historieta

Ha mais de 30 ou 40 anos havia em Aveiro uma senhora que residia e crêmos mesmo ter sido proprietaria da casa onde se acha actualmente o estabelecimento do nosso amigo Pompeu Pereira.

Essa senhora era conhecida pelo *sobriquet* de *Chorinca* e possuia, entre outras coisas, uma macaca que era o gaudio da petizada desse tempo.

Essa macaca, por sua vez, era conhecida pela *macaca da Chorinca*.

Tudo isso já lá vae, já acabou.

Saudosos tempos...

Parece, no entanto, que a macaca deixou descendencia, porque ouvimos chamar Chorinca a um macaco, de costado de calombo, de papeira e de grandes dimensões, parecendo mais um macacão (mas que macacão!...) que passeia, sem açâmo, pelas ruas da cidade, dando-se ares de gente humana...

Ora esse macaco deve ser, com certeza, o macaco da Chorinca, não acham?...

Outros tempos, outros cantares

O orgão do sr. Barbosa de Magalhães em Aveiro, hoje:

APOTEOSE AOS VENCIDOS

«Vibrou eloquente, contam jornais e contam assistentes, a alma nobre do Porto valoroso, na magestosa comemoração do 31 de janeiro.

Foi uma altiva consagração.

Toda a fé vivificadora, toda a ardente fé republicana se iluminou e se expandiu vitoriosa. Vitoriosa como um cantico. Cheia de esperança e de grandeza. Aureolada de generosas scintilações. Quente de entusiasmo e de vigôr.

Foi assim que ela decorreu, a festa comemorativa do movimento que antecedeu a gloriosa jornada do 5 de outubro.

Levando ao Prado do Repouso o preito enternecido da sua saudade aos vencidos de 91, foi de notar o ardor com que, por cada rua, a grande alma republicana do povo do norte saudou tambem os vencidos de 917.

Foi de vêr, foi de vêr! Rugiu a onda. O povo disse do seu sentir. O povo, aquele grande povo, o povo heroico da cidade invicta, que assistira respeitoso, dias antes, á passagem do chefe da situação, esperou sereno por que a sua vez chegasse para dizer tambem da sua dedicação aos principios.

Não era então um calor artificial, o calor de emprestimo, o que o pavor aos odios ascende por instantes no ânimo dos fracos.

Foi a voz eloquente, foi o espirito forte, foi o verdadeiro sentimento nacional que se ergueu e silvou numa expansão ardente de carinhoso aféto aos seus eleitos: os mortos de bôa memoria; os vivos de grata lembrança.»

O orgão do sr. Barbosa de Magalhães em Aveiro, ontem:

A "jornada dos papoilinhas„

«A *démarche* dos preclaros... sonhadores que do Porto viriam implantar a republica em terras da Beira-mar, foi um desastre. Foi um desastre em toda a linha.

A cidade fez-lhes vêr, aos ilustres reformadores da patria amada, pela eloquente maneira porque aí patenteou a sua **inquebrantavel fé monarquica,** que os ventos não corre.n de feição para aventuras.

Viriam, os homens da *papoila*, em romagem de propaganda, *certos, seguros de que uma grata impressão lhes ficaria do passeio, dando ensejo a novas incursões, e do interesse com que a cidade os aguardava. Os mais valiosos povoados do distrito mandariam representantes ao recebimento. Seria por cérto explendido o aspecto da flotilha em gala abalando ao longo dos canaes, ao som das musicas, rumo á pitoresca Gafanha, cujos acolhedores pinheiraes* (rentes ao mar) *aguardavam com suas sombras os excursionistas...*

Isto diziam os cartazes anunciadores chegados da cidade da Virgem, em cujo seio se abriga gente a quem a posteridade reserva a gloria, e as lutas da vida guardam logar... na côrte do céu.

Que o reino dos céus não é só para os santos, para os felizes; os martires tambem lá teem quinhão como qualquer bemaventurado, e ninguem dirá que os ilustres republicanos do norte não sejam uns bemaventurados e uns martires...

Se foi por amor da patria que eles conceberam a peregrina ideia de fazer da papoila um simbolo e de traser á terra dos ovos moles as gentes... **de tamanca** que aí vimos!

E que imaginação viva, que cérebro bem organisado o seu! O que deram desta vez, foi raia. Foi grande, grande raia.

Incomodar tanta gente para uma romaria politica que não podia terminar bem, como a esta sucedeu, é pouco perspicaz

Julgou-se toda aquela boa gente, após a *democratica merenda*, em país conquistado, e veio, rio abaixo, em alarido subversivo, desobedecendo ás instruções recebidas. A' chegada recolheu, em parte, como era natural, com guarda de honra, ao quartel.

Curta demora ali teve, e pena foi, para maior martirio do corpo e a desejada gloria do nome...

Déram raia as gentes republicanas do norte. Nem a cidade as recebeu como se extremaria em faze-lo se houvessem vindo sem o rotulo que traziam, nem dos diversos pontos do distrito vieram mais que a meia duzia de individuos que se viram.

E' falso que aí se juntassem mais de 800 pessoas; é falso que ao comicio assistissem mais de 200; e é ainda falso que á chegada do rancho, durante a sua permanencia aqui, ou á sua partida se lhes désse palmas ou fizesse ovações. Pódem os srs. republicanos dizer e escrever quanto a imaginação lhes leve ao bico da penna. A verdade, a unica verdade é esta.

Louvem a Deus, entretanto, ter ficado por uma simples detenção de momentos a ousada aventura. Bem peior lhes podia ter corrido.

O que lhes ficará, crêmos nó. é de escarmenta. Não voltarão, decerto. Não terão mais vontade de voltar.

Isto é terreno refractario á semente jacobina. Não pega nem pelo diabo. Disso se convenceram os romeiros pelo que viram por seus proprios olhos. Por isso não voltarão.»

Não parece prosa da mesma penna, composta no mesmo tipo e impressa na mesma maquina. E contudo cá a temos arquivada no famoso orgão do não menos famoso ex-ministro democratico.

Para irmos confrontando...

Manuel Neto

Passou no dia 2 o primeiro aniversário do seu falecimento.

Alma aberta ao bem, genêroso por indole, amigo do seu amigo e até dos estranhos, nunca deixou em qualquer campo onde se encontrasse de prestar o seu auxilio moral e material a quem quer que dele se acercasse a implora-lo.

Foi um justo e um bom que dentre nós desapareceu e cuja memoria será sempre lembrada ainda que muitos sejam os anos decorridos sobre aquele dia em que do mundo se despediu.

Desplante ou troça?

—(*)—

Veja a carta de João Chagas, que destroe por completo a galga das *fabulosas quantias* saidas do ministerio da instrução para a propaganda do nosso esforço na guerra. Veja e dê-a a lêr aos seus leitores, que hão-de gostar de vêr com que verdade vem a publico as noticias dos *escandalos democraticos*.

(Do *Campeão das Provincias*, carta (?) de Lisboa).

Ninguem desconhece as notas oficiosas que, sobre as importancias dispendidas pelo ministerio da Instrução do governo democratico, teem sido feitas publicar pelo atual ministro dr. Alfredo de Magalhães.

De todas elas se conclue que, sob a designação *Propaganda de Portugal*, se dispenderam somas enormes sem documentação que as justifique; foram entregues grandes importancias *a uma comissão nunca nomeada, funcionando sem actas, sem arquivo, sem escrituração e sem responsabilidades* e de cujo destino, portanto, não existem indicios.

Mas o que se sabe é que dessas somas 100:000 francos foram para a legação de Paris, concedidos por despacho de 6 de setembro de 1917.

100:000 francos são, ao cambio atual, cêrca de 30 contos!

Sobre a quantia enviada pelo sr. Barbosa de Magalhães, conforme o referido decreto, á legação de Paris, publicou o sr. João Chagas uma carta nos jornais, sacudindo, a tempo, a agua do seu capote, e para tal carta chama um tal *Jota*, correspondente (?) do *Camaleão*, em Lisboa, a atenção dos seus leitores, *porque ela destroe, por completo, a galga das fabulosas quantias saídas do ministerio da instrução.*

Não resta duvida que tudo isto é o cumulo duma desfaçatez, que repugna e irrita.

1.º—A carta do sr. Chagas só se refere á sua legação e nada póde dizer do que se passou com as outras. 2.º—A carta do sr. Chagas só diz que ele **não recebeu,** mas não diz nem podia dizer que o dinheiro **não saisse** do ministerio da instrução.

O inquerito do sr. dr. Alfredo de Magalhães, atual ministro da instrução, aponta a quantia de 100:000 francos saída do ministerio, pela verba *Propaganda do Esforço Portuguêz*, por decreto do seu antecessor, snr. Barbosa de Magalhães, para a legação de Paris.

O snr. João Chagas, ministro em Paris, declara categoricamente na sua carta que *quanto aos cem mil francos nunca ali deram entrada, devendo declarar, que se o governo os autorisou não foi por que lhos pedisse!*

Logo, se saíram do ministerio por ordem do sr. Barbosa de Magalhães e na legação do sr. João Chagas não deram entrada, onde param eles? Onde ficaram?

Que foi feito dos 100:000 francos e a que vem a chamada no proprio jornal, orgão do sr. Barbosa de Magalhães em Aveiro, para a carta do nosso ex-ministro em Paris, carta que, longe de destruir coisa alguma, confirma, ratifica e corrobora as gráves acusações do inquerito no ministerio da Instrução Publica?

O snr. Barbosa de Magalhães mandou ou não os 100:000 francos para Paris?

Chegaram os 100:000 francos a Paris?

Não.

Onde estão?

DE LONGE

De longe temos ultimamente recebido de amigos e méros conhecidos farta correspondencia alusiva aos recentes acontecimentos politicos desenrolados no continente. São cartas repassadas do mais intimo sentimento, onde se reflete a mágoa propria dos verdadeiros patriotas em face do cáos a que os dirigentes da Republica a conduziram e que teem mais a recomenda-las á nossa consideração o facto de os seus autores não esconderem as suas simpatias pelo sr. Afonso Costa, encontrando-se por isso filiados no partido democratico.

Assim, diz-nos de Loanda um:

Bem tristes são as noticias que o telegrafo acaba de nos trazer. Desgraçado país que necessita de taes processos para substituir partidos de governo! Todavia, os democraticos, mais respons.veis de tudo quanto se está passando já pensam em reconquistar o mando servindo-se das mesmas armas. Aqui tens tu o que nos espera. Sim senhor. Bem empregado tempo que tu e outros dedicados republicanos perderam.

Agora que sairá daqui? Para onde caminhâmos nós? Eu tremo quando penso no nosso futuro, nos destinos de Portugal!

Infeliz Patria que tão digna de melhor sorte eras!

E lembrar-me eu que irmãos nossos aqui, em Africa, e outros no *front* se batem pelo ideal que alguns tão criminosamente estão atraiçoando! Como tudo isto revolta, indigna, magôa!

Por que não quizeram esses desnaturados ouvir as suplicas e depois as imprecações daqueles que previam o grando desastre? Ah! eu sei: por que só os preocupava a sêde do mando, causa principal para o aconchego do estomago... E, se calhar, não os premeiam agora com um passeio até aqui ou até Timor!... E' por isso que os abusos continuam, que cada um faz o que quer a contar sempre com a impunidade, graças á brandura dos nossos costumes...

E não admites tu o meu desalento, meu amigo! Pois tem paciencia: estou farto de ser comido —é o termo —e os que agora estão de cima—como dizem os democraticos, que nanja eu—não me oferecem melhores garantias. Isto deu, positivamente, o que tinha a dar, convence-te.

Não ha maneira dos nossos dirigentes tomarem carreira direita. Sômos, nem mais nem menos, uma segunda Russia, ainda que mal comparados! Se aí tivesse familia no continente, creia, não mais me deslocaria daqui. O que se está passando em Portugal desgosta. Falo lhe com o coração dilacerado pela grande dôr que me causam as constantes agitações politicas do meu país e que naturalmente já não chegarei a vêr prospero e feliz sob a égide da Republica, em que tantas esperanças depositei, auxiliando o seu triunfo na manhã radiosa de 5 de Outubro de 1910.

O meu amigo é que tem razão, mil carros de razão.

....

Mas basta. Que póde abrir-se ainda mais a ferida dos que estão prestes a desiludir-se de todo..

De Novo Redondo escreve-nos outro:

....

Estes ultimos dias o telegrafo de Loanda e Benguela deu-nos as mais terriveis, horrorosas e vergonhosas noticias de Lisboa.

Uma grande revolução!!!

Oxalá não tenhamos caído num logro como os russos.

Para que se teria feito ela? Para salvar o país? Deus o queira. Pimenta de Castro já dizia o mesmo e contudo...

Salvar o país! Outra revolução para salvar o país! Não terá, com efeito, outros intuitos? Não sei, não sei. Parece-me, porêm, que posto as asneiras governativas terem sido bastantes não se deveria, principalmente na conjuntura atual, pegar em armas contra o governo.

Espero, com anciedade, noticias mais circunstanciadas e que me possam arrancar deste calvario de incertezas em que me encontro.

Até parece um sonho!...

Agora da Rhodesia:

....

Todos os portuguêses que se encontram por estas paragens ao terem conhecimento dos ultimos acontecimentos de Portugal, transmitidos pelo telegrafo, ficaram, como bem póde calcular, desanimadissimos, tristes como a noite.

PELA IMPRENSA

—(*)—

"Democracia do Sul,,

Reapareceu após trinta dias de forçada suspensão a que o obrigou o atual govêrno, este nosso presado coléga de Evora, um dos mais antigos jornais republicanos da provincia.

Vivamente o saudâmos.

"A Folha de Trancoso,,

Em manifesto elucidativo, redigido pelo esclarecido director da *Folha de Trancoso*, Henrique Faria Bravo, é-nos dado conhecimento das causas que levaram o sr. governador civil do distrito da Guarda a suspende-la por tempo indeterminado e que foram pouco mais ou menos as mesmas que um dia influiram no espirito de certos correligionarios do sr. Afonso Costa, elevados á categoría de censores da imprensa de Aveiro, a cortarem no *Democrata* as apreciações e dados biograficos da sua carreira politica.

Sempre ha cada tipo por esse mundo de Cristo...

"Pela Grei,,

Anuncia-se para breve o aparecimento duma nova revista com o titulo da epigrafe destinada a pugnar pelo resurgimento nacional á custa da formação e intervenção duma opinião publica consciente.

Será dirigida pelo conhecido escritor Antonio Sergio, que já fez distribuir o numero programn com os intuitos da emprêsa a que vai abalançar-se e oxalá seja bem sucedida.

A séde provisoria da redacção é na Praça José Fontana, 11-3, Lisboa, para onde deve ser dirigida toda a correspondencia.

Departamento maritimo do Sul

Tomou já posse do logar de chefe do departamento maritimo do Sul, cuja séde é em Faro, o ilustre capitão de mar e guerra, sr. Jaime Afreixo, que aqui dirigiu largos anos, com inexcedivel zêlo e saber, os serviços da Capitanía do porto desta cidade.

S. ex.ª foi, quando da sua chegada, aguardado por todo o elemento militar e naval, autoridades, representantes do alto comercio, e ainda pelas individualidades de maior destaque e preponderancia naquela cidade Algarvia, que acompanharam a nova autoridade até ao edificio onde está estabelecida a séde do departamento, assistindo á sua posse.

Fazemos votos porque o distinto marinheiro, que é, sem duvida, uma das mais nobres figuras da marinha de guerra portuguêsa, encontre em toda a parte as felicidades que deseja.

Notas mundanas

Quasi restabelecido da enfermidade que o acometeu e de passagem para Lisboa, onde vai continuar a convalescença, esteve nesta cidade o considerado clinico sr. dr. Armando da Cunha Azevedo, que dentro em brêve conta retomar os serviços da sua profissão.

✠ *Fez na segunda-feira anos o snr. Ernesto Simões Maia, digno chefe da estação telegrafo-postal da Costa de Valado.*

✠ *E' infelizmente gráve o estado de saude do nosso amigo Julio Maria dos Santos Freire, digno escrivão da Capitanía do porto desta cidade.*

✠ *Em goso de licença deve ter chegado da Africa Oriental á sua casa de Alpedrinha o sr. José Manso, nosso estimado assinante.*

✠ *Esteve novamente em Aveiro o sr. Manuel Dias Lopes, um dos socios proprietarios da importante Ourivesaria do Porto em Viana do Castélo.*

NOVO ESTABELECIMENTO

Tivémos ocasião de visitar ha dias, no Porto, rua Passos Manuel, 183—1.º,—o estabelecimento que ultimamente ali inaugurou, para venda de cristaes, o sr. J. Pinheiro da Rocha.

Dum completo e finissimo sortido de vidros para guarnecer, é verdadeiramente assombroso o que dentro se encontra, tantos são os exemplares expostos e de tão variados e surpreendentes desenhos e fórmas, tão agradavel é a sensação experimentada na observancia do conjunto e finalmente tão inedita se nos afigurou a ordem como tudo vimos disposto.

Oxalá o novo comerciante encontre a merecida recompensa para a tentativa arrojada que acaba de empreender.

O TEMPO

Como é consolador vêr contentes os lavradores! E o lavrador só se contenta quando o tempo corre de feição, caso que se está registando, sem alterações de maior, desde o principio do mez.

Abençoados dias.

TIFO

Por os informes diários que nos fornece a imprensa portuense vêmos que infelizmente o tifo se alastra de maneira assustadora naquela cidade.

Apezar de todos os esforços scientificos e medidas profilaticas empregadas pelo corpo medico a cargo de quem está a direcção do combate contra o terrivel flagelo, este apareceu, manifestado já em grande numero de casas, na praia de Espinho, onde ha dias foi chamado o delegado de saude do distrito, afim de se dar inicio ás providencias urgentes e radicaes que teem de ser adoptadas.

Pelo que se vê o mal avança e pela sua aparição em Espinho quasi que reduziu a metade a distancia que de nós estava.

Sería talvez da maior conveniencia que as autoridades sanitarias distribuissem desde já, ao publico, como medida preventiva, as instrucções indispensaveis para evitar a doença, no que tudo havia a lucrar e nada a perder.

Mais vale prevenir, diz o ditadó, do que remediar.

Uma das primeiras indicações sería, por exemplo, evitar as visitas aos pontos infeccionados, não?

Serviço farmaceutico

Encontra-se no domingo aberta a *Farmacia Ala.*

Caíu o véu!

Sim, caíu o véu! Desvendou-se, alfim, o mistério em que andava envolto o atentado contra a cabêça do Zé Maria, por lhe ter pairado em cima o *cutélo vingador*, felizmente sem outras consequencias a não ser apenas uns *rastos de* sangue *e lagrimas no lar composto de 4 crianças, cujas a mais velha tem 7 anos!*

O mesmo *orgão dos taberneiros* nos explica o que aquilo foi. Caso tremendo, sem duvida, e de que poderiam resultar sérias complicações se por ventura se não tratasse duma cabêça rija onde os cutélos não fazem mossa, entrando com facilidade...

Pois não querem saber? Demitiram de oficial de deligencias do 3.º oficio, um protegido do *Bébes*, que o sr. Barbosa de Magalhães, seu amigalhote, encaixou nesse logar e em substituição colocaram o Moeda, por capricho do advogado Jaime Silva, do Conde de Agueda e não sabemos se de algum outro conspirador mais contra o poderío do exotico jornalista, que, não podendo levar isso á paciencia, protesta, e faz muito bem, mesmo com a cabeça em risco... de lhe abrirem mossa...

Calculem.

E lembrar-se a gente de que andou tanto tempo a propagandear Republica, a sacrificar-se, para no fim de contas aparecer o *Bébes*—o *Bébes!*—perdido da pinha a dizer que o *cutélo vingador* lhe pairou sobre ela, mas não *abriu mossa*, isto porque arranjou com um amigalhote democratico a empregar certo apaniguado e agora outros o conseguiram substituir, apezar de monarquicos, como se diz tambem o célebre orador do comicio da Fogueira e está assente que o é!

Não tem que vêr: ou muito nos enganamos ou daqui a pouco nada se aproveita de bom neste regimen por culpa dos que o servem.

LIMPÊSA DA CIDADE

A Câmara, no louvavel intuito de concorrer para que Aveiro seja uma terra essencialmente limpa, visto não poder gosar, por enquanto, de mais importantes beneficios, fez espalhar pelos habitantes da cidade um aviso pelo qual os previne de que o serviço da limpêsa publica será efectuado por meio de carroças, que todas as manhãs percorrerão as ruas para recolher os lixos e detritos dos predios de cada um, esperando não ser preciso usar dos meios legais com o fim de manter a sua resolução por nós apoiada sem reservas.

E já que se trata de limpêsa: a Rua Miguel Bombarda precisa dum cano de esgoto, pois não tendo as casas do lado nascente, na sua quasi generalidade, quintal, se veem os moradores delas na dura contingencia de lançar algumas aguas na via publica, o que era bom evitar.

Uma vez mais chamâmos a atenção do municipio para essa grande falta.

Subsistencias

Não ha petroleo, nem azeite, nem milho

Vêmos com satisfação que a Associação Comercial desta cidade vem ocupar o seu logar na defêsa dos interesses populares, representados no que mais lhe é indispensavel á vida, como seja nas subsistencias, assunto de todo abandonado, especialmente pelos delegados do govêrno neste distrito.

Assim, nos diários de Lisboa e Porto, lêmos:

A Associação Comercial e Industrial de Aveiro oficiou ao govêrno ponderando que, sendo aquele distrito um dos de mais larga producção de ovos está sofrendo grâves prejuizos, pois apezar das leis que proibem a sua saida para fóra do país, continua-se fazendo largo contrabando daquele artigo para Hespanha, o que bastante concorre para o seu encarecimento. A mesma colectividade pede que seja determinado ás estações da Beira Alta, Vale do Vouga e ramal de Vizeu a Santa Combadão que os ovos sómente sejam admitidos a despacho quando destinados a Lisboa, pois assim serão obtidos a 24 centávos ou menos a duzia.

Congratulando-nos com a atitude da Associação Comercial, pena é, contudo, que ela limite sómente aos ovos a sua justissima reclamação.

E as galinhas? O peixe? O feijão e o milho?

Deste ultimo cereal não ha um grão e facilmente se deve compreender o que será quando estejam esgotados os poucos quilos de farinha com que ainda se entretem a necessidade publica.

O famoso ministro do trabalho do ministério deposto, garantiu á comissão de subsistencias que forneceria para aqui o milho suficiente para o consumo até á proxima colheita.

Apezar de todas estas formaes promessas, o ministro faltou por completo, não fornecendo nem deixando comprar e aí temos por horas uma das mais sensiveis e grâves faltas de alimento publico: a farinha de milho.

A' hora que escrevemos deve ir a caminho da capital um vogal da Comissão de Subsistencias, que não só agora, mas desde ha muito, se tem empenhado por resolver tão importante assunto.

Verá realisados os sus desejos? Se tal não suceder, máu, muito máu será, porque, francamente, a indiferença, o abandono a que tudo isto foi votado é, repetimos, uma nota que ofende e irrita quantos a todo o momento sofrem a incuria e o desleixo dos que tinham e tem obrigação de velar e defender os interesses e as regalias populares.

Agora estamos sem petroleo, sem azeite, sem milho. Que se espera daqueles que se debatem angustiosamente numa situação destas?

Do trigo, ha pouco chegado a Lisboa, conduzido por um vapor que deu entrada no Tejo sabemos que foram distribuidos a Aveiro 26.000 quilos. Mais cáro do que aquele que actualmente estâmos comendo, e ainda que pouca quantidade, outras porções virão suprir as necessidades futuras; mas de milho é que se torna absolutamente indispensavel o seu fornecimento.

Fazemos votos para que seja coroada do melhor exito a *démarche* que por esse motivo vae ser feita.

Especialmente porque nem sempre a força publica póde opôr-se ás violencias que a necessidade géra e o desespero impulsiona.

Não desejâmos, e crêmos que assim pensarão todos quantos, acima de tudo, colocam a tranquilidade e a ordem publica, vêr repetido em larga escala as scenas que levemente já aí se esboçaram e tanto assustaram alguns dos responsaveis por todas elas.

Cuidemos, por dever, por caridade e por civismo, de atenuar e remediar os males publicos que são, afinal, os males de todos nós.

Conjugue e empregue os seus esforços no mesmo sentido a autoridade superior deste distrito a quem cabe tambem esse dever.

Mas já, já, sem demora que o estomago não suspende as suas exigencias por que... reflectem e pensam os outros...

Leitura quaresmal

AS LAGRIMAS

Nas *Memorias* intimas de D. Antonio de ***, o velho prelado cuja cabeça tanto lembrava a de Bossuet, e debaixo de cuja murça rôxa batia um dos maiores corações da Hespanha, encontrei esta sentida pagina:

Muito antes de ser Bispo, quando eu paroquiava numa das freguezias de Lisboa, fui, não sei ainda bem porquê, o confessor querido das mulheres. E' uma distinção que os padres, em geral, devem mais aos seus defeitos do que ás suas virtudes. Já lá vão quarenta anos; passaram sobre a minha cabeça os trabalhos do episcopado e os gêlos da velhice; cheguei á idade em que os homens vêem claro na sua vida e na sua consciencia,—e ainda hoje, quando penso nos motivos que teriam levado as mais elegantes mulheres de 1876 a preferir-me a tantos sacerdotes velhos e virtuosos, não sei, em verdade, se devo louvar-me, se penitenciar-me. Deus me perdoe os pecados da minha vaidade, e me leve em desconto deles a grande piedade humana com que procurei servi-lo no meu ministério. Ignoro se os bons confessores devem ser como eu fui. A minha bondade natural, o meu vago idealismo cristão de trasmontano, a minha compaixão profunda e indestructivel por todas as dôres morais, levaram-me insensivelmente a revestir o sentimento da penitencia duma expressão de humana doçura, de acolhedora tolerancia, de compassivo amparo espiritual, que seria talvez a razão da minha fortuna de padre elegante, se um certo mundanismo de batina e de maneiras, e um culto menos modesto das temporalidades, não bastassem para explicar a atracção curiosa das mulheres e o favor instavel da moda. Comigo, a confissão não era bem um sacramento austero: era uma confidencia tranquilisadora; quando muito, um conselho delicado e paternal:—sempre um sorriso e um perdão. Não sei ainda hoje, que sou Bispo e sou velho, se esse caracter de intimidade tolerante e discreta será o que mais convem á dignidade sacramental da confissão; mas basta-me a certeza de que é o que mais se conforma com a caridade cristã. Para quê magoar pudores, violentar consciencias, repreender, penitenciar, ameaçar com a ira de Deus? Deus, se tivesse de ouvir os pecados duma mulher,—ouvia-os sorrindo. Pobres creaturas de fragilidade, de inocencia e de graça, só Deus sabe que tempestades de dôr a trazem ás vezes aos nossos pés,—e como uma só palavra nossa de consolação espiritual póde fazê-las renascer para a fé, para a virtude, para a vida! Uma cadeira de confessor—é um tratado de psicologia feminina. O mais dificil não é saber ouvir o que uma mulher nos diz: é compreender os seus silencios; é interpretar as suas lagrimas; é adivinhar a expressão das suas palpebras descidas; é saber ouvir tudo aquilo que ela quer confessar-nos—e que não tem, ás vezes, força para nos dizer. Hei-de lembrar-me sempre duma das minhas antigas paroquianas, a senhora condessa de B., cujas lagrimas, um dia, foram tão eloquentes, que a confessei e a absolvi sem que ela pronunciasse uma unica palavra. Nunca cumpri menos canonica e mais humanamente o meu dever de padre. Era uma mulher alta, loira, impassivel, cujo perfil, mais cheio de raça do que de belêza, fazia pensar vagamente na distinção de certos tipos da casa de Austria e na transparencia de certos marmores côr de rosa. Conhecia-a do mundo o bastante, para saber a historia do seu casamento com o conde de *B.* e das suas leviandades com um moço tenente de cavalaria *qui travaillait dans les femmes du monde* e que blasonava da cruz dobre e dos seis besantes de prata dos Melos. Coisa curiosa: havia dois anos que ela era minha confessada, e nunca se referira, senão duma fórma obscura, a essa ligação que tinha principiado por um capricho e que acabara pela mais funesta e criminosa das paixões. Uma bela manhã, lia eu o jornal, quando vi a noticia de que um tenente de cavalaria de apelido Melo, ao ensaiar no picadeiro do Paço de Belem uns jogos de canas, caira do cavalo e morrera instantaneamente. Bacorejou-me o coração que era ele; e habituado, como estava, a ser o confidente de todos os amôres infelizes, fiquei esperando, fielmente, á hora da missa, a vista infalivel da minha nobre paroquiana. No primeiro dia, não veio. No segundo, tambem não. Apareceu aos tres dias, toda vestida de preto, um livro de missa na mão, um véu espesso pela face,—mas tão desfigurada, tão mudada de voz, que só a reconheci pelo perfume dos cabelos e pela finura das mãos.

Queria que eu a confessasse com urgencia. Como o confissionario da igreja estava ocupado pelo coadjutor, levei-a para a sacristia, assentei-me numa cadeira diante dos arcazes, mandei-a ajoelhar aos meus pés—e ali mesmo, entre duas terrinas do Rato cheias de flôres, preparei-me para a ouvir de confissão. Quando essa pobre mulher levantou o véu que a cobria, a sua palidez, os seus olhos sêcos e brilhantes, a sua átitude crispada de dôr, compungiram-me. Abençoei-a. Os labios tremiam-lhe; os cabelos tinham-lhe embranquecido nas fontes; o olhar fixava-se em mim, imovel, numa tão inquietante expressão de angustia e de suplica, que eu tive a impressão viva, confrangedora, exata, duma creatura que não podia chorar. Disse as primeiras palavras do *Confiteor*, para que ela as repetisse comigo: estrangularam-se-lhe na garganta. Afaguei-a, cheio de piedade, como se afaga uma creança; sorri-lhe; disse-lhe que sabia já de toda a sua desgraça; falei-lhe do morto como se lhe falasse de um irmão muito querido; e ao dizer-lhe que Deus, senhor de misericordia, se compadecia comigo da sua dôr—as lagrimas principiaram a correr-lhe dos olhos, a quatro e quatro, aquele pobre corpo devastado arquejou em soluços, o pranto sufocou-a, e como a terra árida e escaldada do sol quando recebe o refrigerio dos primeiros orvalhos—ficou largo tempo, docemente, serenamente, abraçada aos meus joelhos pecadores, a chorar em silencio... «*Ego te absolvo a peccatis tuis, in nomine Patris, et Filii...*» Tinha-a absolvido, sem a ouvir de confissão. A carruagem esperava á porta da igreja. Ia, decerto, leva-la ao cemiterio. Levantei-a do chão, carinhosamente; colhi de sobre o arcaz um braçado de rosas frescas; lancei-o no regaço dessa mulher duas vezes desgraçada, e disse-lhe, com as lagrimas a borbulharem-me nos olhos:

— Vá, minha filha. Leve essas flôres ao seu morto. Deus acompanha sempre aqueles que amaram e sofreram...

Nesse dia, fiquei contente comigo mesmo. Fôra um mau padre; mas tinha dado a uma creatura humana a suprema consolação de poder chorar.

Julio Dantas

RELATORIO

Recebemos o publicado pela gerencia de 1917 da *Sociedade Recreio Artistico*, simpatica agremiação local, cujas prosperidades se teem acentuado por fórma a permitir-lhe uma vida desafogada, consoante os desejos de quantos se interessam pelas coisas de Aveiro.

O *Recreio Artistico* adquiriu ultimamente um dos predios da Rua da Revolução que foi pertença do falecido Antonio dos Reis Santo Tirso no qual conta instalar-se brevemente ou seja depois das transformações porque o vai fazer passar para o indicado fim.

CARTA

...Sr. Redactor

Rogo-lhe a fineza de inserir no proximo numero do seu belo jornal, essas mal alinhavadas regras, escritas á pressa:

Tendo um amigo que muito préso chamado a minha atenção para uma *piada* que, sob a epigrafe — *Coisas para lêr... e não discutir*—publica a *Razão* de 7 do corrente, piada que envolve a minha humilde personalidade, cumpre-me dizer, não ao autor do *suelto*, porque não me merece consideração alguma, mas sim ás pessoas que, por acaso, tenham lido aquelas *coisas para serem lidas*... com um olho só, que *aquilo* é redondamente falso, como facil me seria provar, mas ainda mesmo que o não fosse não representaria, o facto, uma acção que me deslustrasse aos olhos de ninguem, nem daria motivo a ter de ser julgado por sindicancias ou pelos tribunaes...

Mas não. O autor mente como um cão... Como um cão, não! Não quero compara-lo com esse animal.

O cão não mente; é um animal leal, sincéro... não, ele não é cão.

O cão é docil, fiel... não, ele não é cão.

O cão é dedicado, é inteligente... não, ele não é cão.

O que ele quer, sei eu...

No entretanto fico por aqui, porque tenho mais que fazer e a palha está cara. Que coma m'ervas, como dizia o tal alveitar da anedota, e que espalite os dentes com o diabo que o carregue.

Deixe-me em paz, se quer... Agradecendo, sr. Redactor, a sua benevolencia, sou

De V. etc.,

Aveiro, 12—II—1918.

Carlos Mendes

Agradecimento

Amandina de Oliveira Mieiro e seu marido José Rodrigues Mieiro em extremo penhorados para com todas as pessoas amigas e conhecidas que se interessaram pelo restabelecimento da sua querida filhinha, acompanhando-os no profundo desgosto sofrido após o desastre de que foi vitima, veem por este meio significar-lhes o penhor do seu reconhecimento, que não póde ser maior nem mais sincéro.

Ha, porêm, no fundo do seu coração uma grande divida em aberto a que não querem deixar de, publicamente, se referirem e que é a contraída com o Ex.mo Snr. dr. Abilio Gonçalves Marques, médico proficientíssimo da Costa de Valado e a cujos cuidados esteve entregue a doente como ultimo recurso para o triunfo da cura. Para ele, pois, em especial, como prova de que jámais será esquecido o exito dos esforços empregados para a restituição da inocente, sã e salva, ao carinho de ambos, os firmes protestos da nossa indelevel e sempre viva gratidão.

Aveiro, 10 de fevereiro de 1918.

O Democrata, vende-se em Lisboa na *Tabacaria Monaco*, ao Rocio.

Discurso

Deu entrada nesta redacção o discurso, impresso, proferido pelo governador geral da provincia de Moçambique, sr. dr. Alvaro de Castro, em 17 de dezembro ultimo, dia em que fez entrega do govêrno ao sr. general Delegarde da Silva, por não querer servir com a situação politica atual, como categoricamente declara.

E' uma peça oratoria de subido valor, encarada sob o ponto de vista da acção governativa exercida pelo eminente republicano, da qual, para amostra extratâmos os seguintes periodos, sentindo não pode-lo inserir na integra, como fizeram alguns colégas:

Em 31 de Outubro de 1915 assumi o Govêrno desta magnifica Provincia e nela exerci, durante dois anos completos, o cargo mais elevado da sua hierarquia administrativa, com a confiança absoluta dos Govêrnos que sucessivamente estiveram á frente da administração central.

Revendo o passado com ânimo serêno e espírito desanuviado, orgulho-me com o trabalho despendido, com a bôa vontade demonstrada, e com a sinceridade que sempre puz no desempenho da árdua missão que os govêrnos republicanos me confiaram no período que foi, e é, o mais difícil que a província de Moçambique tem atravessado.

Certamente a minha obra e a dos meus colaboradores não é a expressão da máxima perfectibilidade, pois é própria da condição humana a imperfeição, e as medidas mais equilibradas não conseguem reúnir a unanimidade dos sufrágios, sendo certo que o exercício do Govêrno implica inevitávelmente correntes contrárias, que se justificam na frase lapidar do grande pensador Anatole France, quando definiu, em termos simples mas flagrantes: *Governar é descontentar.* Mas se não consegui, apezar do meu sempre profundo e inabalável desejo de justiça, congraçar as mais diversas correntes de opinião, estou convicto de que todos reconhecerão que sempre os meus actos se guiaram pelo mais alto sentimento patriótico, pela mais elevada concepção de justiça e, acima de-tudo, pelo respeito, pela dignidade e bem estar dos meus concidadãos. Os resultados obtidos, obra de todos nós, afirmam bem alto que não foi inútil nem mesquinho o esfôrço que, com amôr e dedicação, prodigalizei durante dois atribulados anos.

E termina:

Estando suspensa de facto a autoridade constitucional da República Portuguêsa, única que reconheço como legítima, únicas cujas determinações posso acatar neste lugar, e, além disso, não querendo assumir as responsabilidades que resultam da situação actual, deponho o Govêrno da Provincia nas mãos honradas do sr. General Belegarde da Silva, obrigado a aceitar este espinhoso encargo, sem possivel escusa, em virtude das terminantes palavras da Lei que rege a vida administrativa da Provincia. Pratico este acto com a consciencia tranquila, com a certeza de que cumpro um dever inadiavel e imperioso.

PROPAGANDA DE PORTUGAL

O "Bureau de Renseignements,, de Paris, começa a dar os seus frutos

Apezar de instalado ha pouco tempo, o *Bureau de Renseignements* que a *Sociedade Propaganda de Portugal*, com o auxilio do Estado e de varias colectividades particulares, fundou em Paris, começa a dar já os melhores resultados.

A' séde dessa nova instituição, que tão altos serviços promete prestar ao nosso país, é já avultado o numero de portuguêses que vão pedir esclarecimentos, como são tambem muitos os estrangeiros que ali se dirigem para colherem informações sobre Portugal.

O director do *Bureau*, sr. Jaime de Padua Franco, tem feito tudo para que do esforço notavel realisado pela S. P. P. resultem as maiores vantagens, e assim, alêm de no *Bureau* se começarem vendendo qualquer dia bilhetes do Caminho de Ferro, procura espalhar lá fóra o maior numero possivel de impressos vulgarisadores de tudo o que em Portugal haja digno de vêr-se e seja capaz de despertar a curiosidade dos *turistes*.

Mas não se tem limitado a isso a actividade do sr. Padua Franco. Efectivamente, o delegado da *Propaganda*, não esquecendo os interesses dos socios desta coletividade, tem procurado que nos teatros e hoteis de Paris lhes sejam dispensados beneficios apreciabilissimos.

Pelo que respeita a teatros, em todos eles teem já os socios da *Propaganda* descontos que oscilam entre 20 e 50 p. c., descontos esses válidos mesmo aos domingos e para as *matinées*.

Quanto aos hoteis, ha entaboladas negoaiações que, uma vez bem sucedidas, provam quanto o *Bureau* de Paris é util.

* * *

A mesma *Sociedade* sempre animada em cooperar tanto quanto possivel na vulgarisação, lá fóra, da nossa cooperação na grande guerra, vai pedir que lhe sejam fornecidas pelas entidades competentes, fotografias do C. E. P., para o encarregado do *Bureau de Renseignements*, em Paris, promover a súa publicação gratuita nos jornaes francezes. Pelo mesmo *Bureau* vai ser feita, em França, uma larga distribuição de prospetos vulgarisadores de algumas das nossas melhores estações de aguas, taes como Pedras Salgadas, Caldas da Rainha, Vidago, Curía, etc.

A *Propaganda de Portugal* resolveu insistir uma vez mais junto do Governo para que se proceda quanto antes á construção do troço de estrada, na extensão de 13,5 quilometros que falta para que se faça definitivamente a ligação do Alemtejo com o Algarve. Esse troço por construir fica entre Montes Velhos e Ferreira do Alemtejo. Em favor da construção da estrada que ligue Evora-Monte com a respectiva estação do caminho de ferro, tambem a *Sociedade Propaganda de Portugal* deliberou empregar os seus bons oficios.

A distinta pintora sr.ª D. Emilia dos Santos Braga foi autorisada a realisar nas salas da S. P. P. uma exposição dos seus trabalhos.